

IDENTIDADE E COMUNIDADE DO CAMPO: PRIMEIRAS ANÁLISES SOBRE O MUNICÍPIO DE SÃO BONIFÁCIO - SC

Antonio Luis Fermino¹ - PPGE/UFSC

Leomaris Espindola² - UFSC

Alcioni Doerner³ - E. M. Rio do Poncho

Eixo 9: Alfabetização e letramento nos anos iniciais (ensino de 9 anos, progressão continuada, processos de alfabetização e letramento)

Resumo: O presente trabalho tem por característica discutir o aspecto identitário no município de São Bonifácio – SC, a considerar que o mesmo, é a junção de dois subprojetos vinculados ao Observatório da Educação – UFSC e partindo dos estudos de Magda Soares (2003), a pesquisa pretende compreender como a escola prepara os alunos e as pessoas da comunidade escolar para as diversas formas de letramento juntamente com a temática do lazer neste momento embasada em Dumazedier (1974). Através dos pressupostos teóricos referendados por Barth (1998), Todorov (1993) e Kristeva (1994), analisaremos como a identidade da comunidade influencia no lazer estes indivíduos. Portanto, a investigação tem por objetivo a consideração de aspectos culturais, históricos e sociais.

Palavras Chave: Educação do campo, identidade, lazer.

Primeiras palavras

Este texto apresenta as primeiras impressões de campo após um ano de estudos e trabalhos com o Observatório da Educação do Campo - UFSC.

A pesquisa, que teve seu início em 2011 e com término previsto para o ano de 2014, está sendo realizada na cidade de São Bonifácio, precisamente na comunidade do Rio do Poncho juntamente com a escola municipal do Rio do Poncho. No primeiro momento (2011) realizamos a construção de um subprojeto, estudos acerca da temática Letramento com base em Magda Soares⁴ (2003) estudos sobre a Educação do Campo⁵ (Munarim, Beltrame, Conte e Peixer, 2011) e visitas ao município. Para a coleta de dados, iremos observar o cotidiano dos

¹ Mestrando PPGE – UFSC – Bolsista CAPES. Email: antonioluisf@gmail.com

² Formada em Letras Francês, bolsista do Observatório de Educação do Centro de Ciências da Educação na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e mestranda no Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução pela mesma instituição.

³ Professora do Ensino Fundamental, trabalha na Escola Municipal do Rio do Poncho desde 2000, graduada pela UDESC e pós graduada pelo CEITEC.

⁴ SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2003.

⁵ Educação do Campo: reflexões e perspectivas. Antonio Munarim, Sônia Aparecida Branco Beltrame, Soraya Franzoni Conde, Zilma Isabel Peixes (orgs). Florianópolis: Insular, 2011.

sujeitos, participar de rodas de conversa, momentos que proporcionem a vivência de seus hábitos para a compreensão das práticas de lazer.

O município de São Bonifácio, foi colonizado por alemães e está situado na região da grande Florianópolis distante 70 km da capital do Estado. Possui uma população de 3.352 habitantes sendo que a grande maioria é composta por idosos, apenas 21,5% residem na zona urbana, sendo que 78,5% da população residem na zona rural. Sua economia baseia-se na agricultura, apicultura, avicultura, pecuária de leite, extração e beneficiamento de madeira e indústrias de laticínios. A educação desenvolvida no município de São Bonifácio é constituída da rede pública Municipal e Estadual de ensino, com uma Escola Estadual⁶ que abrange o ensino fundamental e ensino médio e cinco Municipais⁷ em que, são ministradas aulas de 1º ao 5º ano, além do pré-escolar.

Este contato preliminar com o corpus levou à hipótese de que as limitações por vezes impostas ao morador do campo, os valores identitários de tais pessoas e o próprio conceito de “ser do campo” são questões relevantes; pois, para Julia Kristeva “ele jamais está simplesmente dividido entre aqui e alhures [...] ele esquece que nada mais o fixa lá e que nada ainda o prende aqui. Sempre em outro lugar, o estrangeiro não é de parte alguma” (p. 18). Aqui, o estrangeiro é, não somente o imigrado de outro país ou cultura, mas também aquele que é “estranho” no próprio país e possui uma relação entre “nós” (o grupo cultural e social em que está inserido) e os “outros” (os que não fazem parte dele) – relação entre diversidade dos povos (TODOROV, p. 12).

Trata-se de analisar contexto cultural e socioeconômico no qual os indivíduos do campo estão inseridos, pois, é preciso levar em conta os hábitos destas pessoas para então, num segundo momento, propormos um olhar científico sobre a identidade do campo. Podemos chamar estes aspectos de “vetores identitários que são compostos de diversos elementos: comida, música, vestimenta, língua, etc” (MALOUFF, p. 12).

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é discutirmos como as práticas de lazer e marcadores identitários no município de São Bonifácio estão inseridas nos processos de sociabilidades e de uma valorização da identidade, a fim, de revelar como o indivíduo do campo se vê, quais são os estereótipos e arquétipos persistentes na sua identidade. Neste sentido, a investigação naturalmente implica em ter por objetivo a consideração de aspectos

⁶ E.E. B. São Tarcísio - Localizada no centro e/ou praça do município.

⁷ 1º – Pré - Escolar Chapeuzinho Vermelho - Localizada no centro e/ou praça do município. 2º – E.M. Santo Antônio – Localizada na comunidade de Santo Antônio. 3º – E.M. Rio do Poncho – Localizada na comunidade do Rio do Poncho. 4º – E.M. Santa Maria – Localizada na comunidade Santa Maria. 5º – E.M. Rio Sete – Localizada na comunidade do Rio Sente.

culturais, históricos e sociais que também podem ser locais, mas, sobretudo, vai investigar singularmente significações locais, ou seja, vai se concentrar sobre este município.

Incluindo as manifestações culturais da comunidade do campo através da tradição oral, qual a importância das práticas de lazer no cotidiano do campo, como a comunidade escolar integra as práticas de lazer da localidade, como esses elementos de sociabilidade influenciam no processo de alfabetização e letramento dos alunos. A considerar que todas as festividades estão relacionadas ao modo de produção agrícola, a cultura é construída a partir das trajetórias de vida dos sujeitos que vivem na comunidade. A concentração da análise será realizada a partir dos seguintes questionamentos: 1. “Sou do campo ou da cidade”? 2. “O que é, necessariamente, ser do campo”? 3. “Existem opções culturais e tecnológicas para o indivíduo ter mais qualidade de vida e permanecer no campo”? 4. “Quais os fatores que contribuíram na trajetória deste indivíduo e na formação de sua identidade”? 5. “Como funcionam as passarelas e diálogos com outras culturas? Existe tolerância”? 6. O contexto imigratório: o estrangeiro e o outro.

1 - Identidade: o indivíduo do campo

Se optamos por encarar o aspecto de “suporte de cultura” dos grupos étnicos como sua característica primária, isto introduz implicações de longo alcance. Somos induzidos a identificar e distinguir grupos étnicos pelas características morfológicas das quais são os suportes. Isso implica um ponto de vista preconceituoso tanto quanto 1. À natureza da continuidade no tempo de tais entidades, como 2. À localização dos fatores determinantes de sua forma (BARTH, 1998, p. 191).

Cada indivíduo vive em uma sociedade na qual tem-se por características especificidades como: sotaque, linguística, trabalho, rotina diária, alimentação típica, música, artes, planejamento urbano, práticas corporais, entre outras ações que dão forma e cor a sua identidade perante as demais sociedades. Dentro dessas ações acontece uma educação que faz parte da cultura local e que cada indivíduo traz consigo esse formato que ao longo de sua vida poderá haver modificações dependendo da relação com que os sujeitos estabelecem com outros sujeitos e com o mundo.

Na maioria das vezes, as relações entre culturas diferentes são consideradas a partir de uma lógica binária (índio \times branco, centro \times periferia, dominador \times dominado, sul \times norte, homem \times mulher, normal \times anormal...) que não permite compreender a complexidade dos agentes e das relações

subentendidas em cada polo, nem a reciprocidade das inter-relações, nem a pluralidade e a variabilidade dos significados produzidos nessas relações (p. 24, 2003).

Compreender como estabelece uma educação entre determinada sociedade junto com outra, é muito importante para percebemos à relação que uni ou afasta umas das outras. Os motivos podem ser relacionados a vários acontecimentos, tradições familiares, crenças, trabalho, amizades, mídia, escola, universidade entre outros. Questões que todos nós estamos sujeitos e somos sujeitos a compartilhar.

Para tanto é necessário conhecer o modo de vida na comunidade do campo. As tradições culturais trazidas neste momento como transmissão de conhecimentos de uma sociedade são “[...] crenças; artes; moral; leis; costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (TYLOR, 1871, apud LARAIA 1989, p.15-16).

Para Geertz (1973) a cultura pode ser definida como “teias de significados” na qual, o ser humano cunhou a partir de suas afinidades com o mundo. Como afirma Aranha (2000), denota tudo que o homem produz ao construir sua existência: as práticas, as teorias, as instituições, os valores materiais e espirituais, ou seja, a “[...] cultura é, portanto, um processo de auto liberação progressiva do homem, o que caracteriza como um ser de mutação, um ser de projeto” (2000, p.6).

Para refletir um pouco mais sobre o termo remeto aos imigrantes alemães nas cidades de Rio Fortuna, Santa Rosa de Lima e São Bonifácio que passaram por diversos processos de adaptação Dall’alba relata em seu livro intitulado *O vale do Braço do Norte*, entrevistas com imigrantes e filhos de imigrantes que demoraram para aprender a falar a língua portuguesa.

Em uma entrevista com Henrique Tefen, quando soube que havia brasileiros, índios que não sabiam falar o português, sentiram uma sensação estranha, dentro de um mundo de comunicações. H. Tefen, filho de imigrantes radicados no Brasil desde 1860, noventa e dois anos, não fala e não entende o português. Sempre viveu retirado no fundo dos vales (DALL’ALBA, 1973, p.299).

Então, a cultura existe viva, em processo e, mesmo sendo politicamente expropriada e simbolicamente alienada, ela está sempre em transformação. Sendo assim, os movimentos de cultura popular trazem para as praças, fabricasse favelas o cinema, o teatro, a biblioteca volante e o núcleo de alfabetização. Ela se realiza como encontro, como a conquista de espaço social de encontro entre diferentes categorias de sujeitos [...] (BRANDÃO, 1985).

Trazendo para o debate a educação dentro desse processo de adaptação dos imigrantes alemães “na época de maior fluxo de imigração para o Brasil entre os anos de 1824 a 1870, todos os estados alemães tinham um dos melhores índices de letramento da Europa. As famílias dispunham de escolas mesmo nas áreas rurais mais remotas, sendo frequência obrigatória (RICKEN e RICKEN, 2008, p. 143)”.

Mas chegando ao Brasil sua educação teve que ser adaptada a realidade brasileira. Não dispúnhamos de escolas suficientes para atender toda a população. Por isso eles mesmos criaram uma escola com o ensino em alemão, por que os filhos não falavam português e nem mesmo encontrava-se professores que sabiam as duas línguas. E em Santa Rosa de Lima, cidade colonizada pelos imigrantes que vinham de Rio Fortuna e São Bonifácio, construíram a primeira escola por iniciativa dos moradores em 1927 em Rio dos Índios sendo o professor o alemão Otto Siebert (ibid, p. 362).

Podemos perceber um movimento forte de fortalecimento da cultura alemã que atualmente netos, bisnetos, filhos de imigrantes lutam pela preservação de sua cultura de diversas formas e um dos movimentos fortes são as festas, com as comidas, músicas, roupas, símbolos da cultura germânica.

Tal processo está inserido num espaço, concordando com Barth,

[...] situações de contato social entre pessoas de culturas diferentes também estão implicadas na manutenção da fronteira étnica: grupos étnicos persistem como unidades significativas apenas se implicarem marcadas diferenças no comportamento, isto é, diferenças culturais persistentes (1998, p. 196).

No entanto, tais diferenças podem ser reconhecidas, mas não, devem e/ou não necessitam deixar de existir a partir de um contato com outra etnia. Neste modo, haverá um relacionamento entre elas (as culturas) gerando uma interação de conhecimentos e sentido, no que tange aos significados que este processo de relação causará nos sujeitos envolvidos.

No município de São Bonifácio, o que se tem percebido durante desse período de pesquisa é uma busca por uma valorização da identidade, uma construção de uma imagem polifônica, culinária e vestimenta. Este “cartão de visita” que o município apresenta é à maneira de como os cidadãos do município se reconhecem e são reconhecidos pelos visitantes. “É, portanto, a característica da auto - atribuição e do reconhecimento pelos outros que define o pertencimento de alguém a determinado grupo étnico, e não o fato de manifestar certas crenças e traços culturais” (TASSINARI, p. 63).

As fronteiras às quais devemos consagrar nossa atenção são, é claro, as fronteiras sociais, se bem que elas possam ter contrapartidas territoriais. Se um grupo conserva sua identidade quando os membros interagem com outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão. (BARTH, 1969, p. 195).

Tais fronteiras podem ser compreendidas como uma maneira de interpretar um texto escrito, rabiscado e/ou lido por alguém. No entanto, outro sujeito ao ler esta determinada obra, poderá interpretá-la de outra maneira diferente pela qual foi pensada pelo escritor. Estas duas maneiras de ler podem ser identificadas como espaços de fronteiras, há uma troca de experiências após cada leitura feita. Sendo assim, não há nada que impeça dessas duas formas de interpretação não possam ser resignificadas tendo então, uma nova experiência de leitura.

2 - Identidade: o contato com o lazer

“Cada um retém da complexa e móvel realidade do lazer apenas o aspecto que lhe interessa, o valoriza ao extremo e esquece todos os outros” (Dumazedier, 1974, p. 12) As festividades realizadas no município de São Bonifácio objetivam em divulgar o município e apresentar os produtos coloniais como, por exemplo, a abertura dos festejos de final de ano que traz vários números musicais. O encontro anual das mulheres de São Bonifácio com palestras motivacionais, desafios da mulher na agricultura e a “tradicional” festa regional do pão de milho que acontece a cada dois anos, com o habitual desfile da colonização com diversas alegorias dos mais variados temas (culinária, dança, vestuário, indígenas, representação do trabalho no campo entre outros). Expo feira de gado leiteiro, expofeira de produtos coloniais, concurso de escolha da rainha da festa, concurso de chopp em metro entre outras atrações⁸. Essas festas são criadas como uma condição de “valorização da identidade” principalmente nas comunidades colonizadas por alemães e italianos, de acordo com Carola, Wolf e Silva (2011):

A rede de festividades que forma uma espécie de marketing das identidades étnicas inclui modalidades: festas do colono, associações étnicas, encontros de famílias, programas de rádios, sites na internet, intercâmbios e convênios com países europeus, jornais impressos e eletrônicos etc (p. 307).

⁸ Dados Retirados no site da Prefeitura Municipal de São Bonifácio. Disponível em: www.saobonifacio.sc.gov.br.

Cria-se então, maneiras de turismo incentivadas a fim de proporcionar um avanço na economia do município e/ou na região. Mas também, são nessas ocasiões que podemos perceber como é a vida no campo ou mesmo “uma parte dela” uma maneira artística de ver o pioneirismo e o progresso de construção do município que estão visíveis nestas festividades. Seja nas danças, nos pratos “típicos”, nas brincadeiras, na troca de experiências que cada indivíduo possui e procura compartilhar com o outro, as formas de socializarem o vivido, apresentar aos turistas, visitantes, o “outro” que este município possui riquezas que estão sendo cada vez mais lapidadas a partir do momento em que são vistas/observadas.

No entanto, percebemos a partir de discussões de grupo e de leituras de textos referentes a tradicionalismo nessas redes de festividades é que se impõe e/ou podemos dizer cria-se de certa maneira, formas de apresentar algo como tradicional e que por muitas vezes não se sabe a origem exata desta tradição.

Contudo, se faz necessário entender como estes elementos de sociabilidade refletem no cotidiano das práticas pedagógicas, como a escola e a comunidade escolar se organizam para tais eventos que se realizam no município e bem como, esses eventos aparecem nas narrativas da comunidade. Dessa forma, é importante pensar como é a vida no campo dentro das práticas pedagógicas e como essas questões das práticas culturais de lazer estão sendo trabalhadas na escola. Como por exemplo: festas da igreja, desfiles, atividades em comemorações ao aniversário da cidade. São praticas que proporcionam a troca de relações entre os membros da comunidade, ensinamentos de costumes aos jovens entre outros.

Estas particularidades como a música, dança, sotaque, seus modos de se portar frente ao vivido faz parte desde o nascimento dos sujeitos até a sua morte. É durante os momentos de sociabilidade que formam e encontram relações. Essas experiências que as crianças vivenciam trazem consigo sentimentos que são viáveis para a compreensão da vida do campo. E desse modo conhecendo as histórias de vida dos membros de sua comunidade.

“conhecer e valorizar o modo de organização da vida no campo, as práticas dos sujeitos que ali vivem e trabalham. As práticas pedagógicas podem incorporar as vivências sociais desenvolvidas no contexto, fazendo mediações com o conhecimento universal” (BELTRAME, CARDOSO, NAWROSKI, 2011, p. 101).

Entendendo então que o lazer não é uma categoria e pode ser um comportamento, em que, nas comunidades do campo o lazer pode estar inserido nas festas de igreja, comemorações da cidades ou mesmo nos esportes de aventuras aproveitando o contato extremo com a natureza. O lazer pode está inserido no caminhar do cotidiano do sujeito do

campo e este caminhar é o ponto interessante para a pesquisa, pois nele estará inserido os elementos de sociabilidade que é fundamental para refletirmos questões sobre a identidade e lazer. No seu sentido lato o lazer como momento/atividade fora do horário de trabalho. Aos olhos de uns, um meio de "recuperação da força de trabalho", para outros, é um quadro realização do homem (DUMAZEDIER, 1974, p. 131). Camargo (1989) apud Junior e Junior (2011, p. 3) relata que lazer é:

[...] um conjunto de atividades gratuitas, prazerosas, voluntárias e liberatórias, centradas em interesses físicos, culturais, manuais, intelectuais, artísticos e associativos realizados num tempo livre roubado, ou conquistado historicamente que interferem no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos (p.97).

Dessa maneira, o lazer enquanto fenômeno social manifesta-se sob características históricas (FRANÇA, SILVA e FREITAS, 2011, p. 3) e que depende de fatores econômicos e políticos. E através dele podemos entender os sentidos que uma determinada sociedade tem em seu meio social e como isso pode ser afetado no trabalho na escola ou em outras instituições. Como no campesinato É perfeitamente compreensível e notório que a exploração no mundo do trabalho, por intermédio do modo de produção capitalista, ocorra também no campesinato, em especial, em tempos de expansão do agronegócio (LAVOURA, 2011, p. 6).

Considerações finais

Neste primeiro contato mais próximo com o campo de pesquisa pode-se perceber que é necessário compreender o tradicional nas festas do município, mas sobretudo, compreender a identidade dos sujeitos de São Bonifácio. A partir destes elementos, enraizar nas discussões acerca do lazer e suas relações com o ambiente escolar da comunidade do Rio do Poncho.

Desse modo, o que se pretende com este trabalho é compreender como a escola prepara os alunos e as pessoas da comunidade escolar para as diversas formas de letramento. Não se trata de uma *pedagogização* a cerca das práticas de lazer na comunidade. Sendo assim, entender as práticas de lazer a partir de suas lógicas.

Destacamos a importância de aprofundamentos teóricos para as discussões apresentadas neste texto., tais como a identidade e as opções de lazer. Contudo, o contato com o campo empírico ainda não é suficiente para apresentar resultados específicos.

Referências

ARANHA, Maria Lucia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 2000.

BELTRAME, S. B. CARDOSO, T. M. NAWROSKI, A. *Educação do campo e práticas pedagógicas*. In: Educação do Campo: políticas públicas, territorialidades e práticas pedagógicas. Antonio Munarim, Sônia Aparecida Branco Beltrame, Soraya Franzoni Conde, Zilma Isabel Peixer (orgs). Florianópolis: Insular, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação como cultura*. Ed. Brasiliense S.A. 1985

CAROLA, C. R. WOLFF, C. S. DA SILVA, J. G. *A historiografia de Santa Catarina: olhares sobre os últimos 50 anos*. In: GLEZER, R (org). Do passado para o futuro: edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh – São Paulo: Contexto, 2011.

DALL'ALBA, J. L. *O vale do braço do norte*. Coleção museu do imigrante. 1973

DUMAZEDIER, Joffre. *A sociologia empírica do lazer*. Editora Perspectiva. 1974

FLEURI, R. M. *Intercultura e educação*. Revista brasileira de educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Nº 23. Maio/Jun/Jul/Ago 2003, p. 16 - 35

FRANÇA, Iviane Matos. SILVA, Leda Sampaio da. FREITAS, Lilianne do Socorro Guimarães. *Lazer no assentamento Luiz Carlos prestes: uma experiência dos acadêmicos do curso de educação física da universidade federal do Pará*. XII CONBRACE 2011. Acessado em 27/09/2011. Disponível em: http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/XVII_CONBRACE/2011/schedConf/presentations.

JÚNIOR, Flavio Cardoso dos Santos. JÚNIOR, Luís Vitor Castro. *Lazer e festa: olhares e tramas acerca do folião "pipoca" no carnaval de salvador*. XII CONBRACE 2011. Acessado em 27/09/2011. Disponível em: http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/XVII_CONBRACE/2011/schedConf/presentations

KRISTEVA, Julia. *Étrangers à nous-mêmes*. Paris : Gallimard, 1994.

KRISTEVA, Julia. *Étrangers à nous-mêmes*. Paris : Gallimard, 1994. _____ . Au risque de la pensée. Paris : Éditions de l'Aube, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. *Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989.

Lavoura, Tiago Nicola. *Lazer no campesinato: estudos e interlocuções com Marx e Engels*. XII CONBRACE 2011. Acessado em 27/09/2011. Disponível em: http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/XVII_CONBRACE/2011/schedConf/presentations.

MALOUFF, Amin. *Les Identités meurtrières*. Paris : Grasset, 1999.

MUNARIM, Antonio. BELTRAME, Sônia Aparecida Branco. CONDE, Soraya Franzoni. PEIXER, Zilma Isabel (orgs). *Educação do Campo: reflexões e perspectivas*. Florianópolis: Insular, 2011.

RICKEN, I. RICKEN, T. D. *Rio Fortuna: resgatando as origens, cultivando valores, alicerçando o futuro*. Rio Fortuna: Editora Coan, 2008.

SOARES, Magda. *Letramento e escolarização*. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003.

TASSINARI, A. M. I. *No Bom da Festa: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá*. São Paulo, Edusp, (2003).

TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros – reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

ULLMANN, Reinhold. *Antropologia: o homem e a cultura*. Petrópolis: Vozes, 1999.